PRESENÇA DE CAMILO NA PROSA MACHADIANA

Guilherme Santos Neves

Leio isto nas “Estampas Literárias” de Josué Montelo (Org. Simões, Rio, 1956, p. 74), no capítulo sobre “Camilo e Machado de Assis”: “Eugênio Gomes parece ter sido, até hoje, o único ensaísta a aproximar da obra camiliana, à luz das confrontações objetivas, a obra de Machado de Assis” (…). “A primeira vista, ninguém mais distante de Camilo Castelo Branco do que o criador de Capitu. / Diferentes no temperamento, distantes no estilo, dissociados na visão da novela e do romance, Machado e Camilo oferecem, entretanto, muitos pontos de contato, como traços comuns de curiosa afinidade”.

Não conheço, infelizmente, o trabalho de Eugênio Gomes (não indicado, aliás, no estudo de Montelo). Não sei, consequentemente, quais os pontos de contato que o ilustre ensaísta balano — sem favor um dos mais autorizados conhecedores da obra de Machado — ressaltou no confronto entre os dois Mestres da língua.

Não vou aqui repetir o que Josué Montelo registrou de comum em Camilo e Machado. Apenas referirei aquilo que a mim — inveterado leitor de um e outro — aquilo que a mim me parece tenha o autor de D. Casmurro haurido em Camilo e adaptado à sua linguagem ou à técnica do seu estilo.

Pode ser que me engane no registro; pode ser que outras tenham sido as fontes onde se abeberou Machado; pode ser, até, eram coincidência o que de comum ou semelhante se encontra em um e outro escritor. Mas o fato é que essa afinidade existe na obra dos dois romancistas, e muito mais extensa e vincante do que se possa imaginar.

Vamos a uma breve comprovação.
A interpelação ao leitor

Já houve quem focalizasse (se não estou em erro, Matoso Câmera) a constância da interpelação ao leitor nos livros de Machado de Assis. Nos seus contos e romances, nas suas crónicas e folhetins, a todo o momento o escritor intervém consultando o leitor ou leitora, conversando com eles, chamando-lhes a atenção para esse ou aquéle ponto, este ou aquél pormenor da narrativa.


De fato, nos livros deste, o leitor ou leitora são chamados à conversa a toda hora. Em quase todos (senão todos) os seus romances e novelas, Camilo participa do livro, em reiteradas inter- interpelações aos seus leitores. Já o havia notado Monteiro Lobato, como se vê deste tópico de uma de suas cartas a Godofredo Rangel (a de 10-7-1916), incluída na “Barca de Gleyre” (S. Paulo, 1944, p. 321), quando ressaltava a “coragem de pôr-se (Camilo) de pé dentro do livro e mostrar-se, conversar com o leitor”.

E mais adiante: “Há os cuidadosamente objetivos, como Flaubert, que só fazem falar aos personagens, nunca aparecem em cena, fingem que não existem.

Camilo existe, faz questão de que saibam que é quem está presente e que está presente em tudo quanto escreve”.

Substituam neste trecho Camilo por Machado, e a verdade é a mesma.

Coração e estômago

Outro ponto de contacto entre os dois grandes escritores é a frequência com que ambos pisam e repisam no contraste entre o coração e o estômago.

Dois ou três exemplos elucidativos.

Camilo: — “Carlos comeu quase nada e sem apetite. Fal- tavam-lhe dez anos para honrar dignamente aquelas iguarias recen-
dentes e sentir ao mesmo tempo estar-se-lhe o coração a dilatar em competência com a visceras vizinhas. Figurava-se-lhe profa-
nção e chatea o cair da altura do seu ideal sôbre aquelles na-
cos de sevado” (“A mulher fatal”, Lisboa, 1923, p. 69).

Noutro romance de Camilo, “O Esqueleto” (capítulo X), pode-se ler: “Então, primo, se a jornada é longa, cumpre comer. Coração a um lado e estômago a outro. D. J. João de Marana e o amado de Clarisse comiam às horas, e o Byron ceou ótimamente no dia ou na noite em que uma das suas mártires se afogou no canal de Veneza...”.

Também em “Doze casamentos felizes” (Simões, Rio, 1954, p. 50): — “Você não pode imaginar como aquela gente vive! / — Imagine, imagino. Se forem em casa o que são na rua, o comer para eles há de ser um suplicio, porque um beijo, com os lábios oleosos dos chorumes nutritivos, deve de ser medianamente sabroso! Você faz lá ideia?”

Agora, veja-se este tópico machadiano, tirado aos “Contos esquecidos” (Rio, 1956, p. 142): “Ora, Luís Pinto jantara largamente, apesar de namorado, donde se pode concluir que amor é uma cousa, e comer é outra, e que não sendo a mesma cousa o coração e o estômago, ambos podem funcionar simultâneamen-
te. / Não ouso dizer o estado de Madalena. De ordinário as he-
roínas de romance comem pouco ou não comem nada. Ninguém admite, em mulheres, ternura e arroz de fórm...”

Também na poesia “Pátrida Elvira” (“Poesias completas”, Garnier, 1902, p. 143):

“......................Neste intante
Entrou a tempo o chá... perdão, leitores,
Eu bem sei que é preceito dominante
Não misturar comidas com amores;
Mas eu não vi, nem sei se algum amor
Vive de orvalho ou pétalas de flores;
Namorados estômago consomem,
Comem Romeus e Julieta com...”
“Os dedos róseos da Aurora”

Raimundo Magalhães Junior — um dos mais infatigáveis pesquisadores da obra machadiana — inseriu no livro “Machado de Assis desconhecido” (Rio, 1955), interessante capítulo em que estuda “As repetições de Machado de Assis”. E à página 217, escreve: “Como as cegonhas de Chateaubriand, também o fascinou a imagem de Homero sôbre o despontar do dia. No conto dialogado “O anel de Policrates”, que está no volume “Papiás avulsos”, lá está na descrição de Xavier e de seus hábitos fantásticos de poeta: “As colchas da cama eram nuvens purpúreas, e assim também a esteira que forrava o sofá de repouso, a poltrona da secretária e a réde. Sabe quem lhe fazia o café? A Aurora, com aqueles mesmos dedos cor-de-rosa, que Homero lhe pôs”. E prossegue Magalhães Junior: “Numa das crónicas das “Balas de estalo”, que não consta dos volumes divulgados pela editora Jackson, e que saiu na “Gazeta de Notícias” de 5 de janeiro de 1885 (divulgada nas “Crónicas de Lélia”, Rio, 1958, p. 209), Machado de Assis assim figura o amanhecer de Lélia;: “Mal a Aurora, com os róseos dedos, abria a porta do Oriente, engolhei-me na pura linha e emergi fresco como uma numa. E ainda na mesma secção e no mesmo ano, a 31 de agosto (cfr. “Crónicas de Lélia”, p. 287), surge de novo a reminiscência de Homero, verrumante, insistente: “Mas já então a Aurora, com os róseos dedos, ía abrindo as portas do Sol”. E continua Magalhães Junior: “Não se liberta ainda dessa vez da idéia perseguidora. Gastou-a bastante mas ainda lhe sobram uns trocados que terá de deixar numa nova crónica, e esta será a de “A Semana”, de 1o de outubro de 1893 (v. II) em que diz: “Quem acorda cedo, quando a Aurora, como na antiguidade, abre as portas do céu com os seus dedos cor-de-rosa...”

De fato — como se sabe — é velhíssima a imagem. Homero dela se utiliza, não uma nem duas, mas inúmeras vezes na sua Odisséia, referindo-se aos rosados dedos de Eos, a Aurora. (Cfr. canto 2º, início; canto 3º “Nem bem se mostrou Eos, a de rosados dedos...”; canto 4º (idem), canto 5º (idem)) canto 8º (idem), canto 13º início, canto 17º início et passim...)

Diz Magalhães Junior que, no tempo de Machado de Assis...

“as fólias (...) andavam cheias de alusões literárias e citações em línguas estrangeiras, que a ninguém causavam estranheza. Esses pedaços seletos das gazetas se destinavam a um público letrado”.

O certo, porém, é que a velha imagem de Homero, Machado a empregou empre com fina ironia, debicando por vezes do abuso com que as usavam os poetas de tôdas as idades. A prova está mais flagrante no trecho seguinte. Figura no conto “A chave” (publicado, pela primeira vez no jornal “A Estação”, Rio a 15 e 30 de dezembro de 1879 — cfr. “Bibliografia de Machado de Assis”, J. Galante de Sousa, Rio, 1955, p. 516, reproduzido em “Contos sem data”, Rio, 1956, p. 105): “Não sei se lhes diga simplesmente que era de madrugada, ou se comece num tom mais poético: “a Aurora, com seus róseos dedos...” E adiante: “Ora, é certo que o major Caldas, se eu dissesse que era de madrugada, dar-me-ia um muxoxo ou franziria a testa com desdém — Madrugada! era de madrugada! murmuraria êle. Isto diz aí qualquer preta: nhã nhã, era de madrugada... Os jornais não dizem de outro modo, mas numa novela... Vá pois! A Aurora, com seus dedos cór de rosa, vinha rompendo as cortinas do oriente, quando Marcelina levantou a cortina da barraca. A parte da barraca olhava justamente para o oriente, de modo que não há inverossimilhança em lhes dizer que essas duas auroras se contemplaram por um minuto. Um poeta arcaico chegaria a insinuar que a aurora celeste enrubesciu de despeito e raiva. Seria porém levar a poesia muito longe...”

— A mesma intenção de pôr a ridiculo a imagem tão surrada e gasta — vamos deparar em Camilo Castelo Branco.

Conforme-se com os tôpicos machadianos o que escreveu Camilo em seu livro “Duas horas de leitura” — cuja primeira edição data de 1816: “Os dedos rosados da Aurora afastavam a cortina da noite. / Aqui princípio eu por uma figura que enche as medidas dos góticos admiradores do passado. / Quem hoje quiser ser original há de recuar quatrocentos anos, exumar a linguagem fossilizada nos bacamartes, dar-lhe uma demão desta moderna argamassa, arrapilha-la, afarafhá-la, ... tem um nome! Não corre tal risco o escritor que se esteja em autoridades maiores de trezentos anos. Aurora “com dedos cór de rosa” é uma imagem.
contemporânea dos narizes: deixá-la ser; confesso-vos que não
crêgo outra mais singela, nem mais linda. Hoje diz-se doutro
modo a coisa; mas não se entende! São falsas as côres e hiperbó-
licas as imagens. Eu penso que encontrei a razão disto (...) “E
que os poetas, que vos dão em cada estio uma edição nova do
nascimento da Aurora, erguem-se regularmente ao meio-dia, e
fazem tanta idéia da Aurora como eu de uma tromba marinha.
Os que a podiam ver, à saída dum baile, pôem a cabeça fora da
vidraça, e o que tratam é de dar largas a um calo, que polceu
entalado em verniz. Dêses, a maior parte são jornalistas, e o que
fazem é beliscar a imaginação cansada, exportando-lhe duas idéias
para uma notícia local, que deve ser lida pelo ansioso dono da
casa... (...) “Enquanto à Aurora, essa pode nascer e morrer
ondo quiser, que o poeta tanto se lhe dá que os seus dedos sejam
de rosa como de açafrao”...

Leitor constante da obra camiliana, é possível que Machado de
Assis tenha aprendido, com o sarcástico solitário de São Miguel
de Seide, a torcer e retorcer, no cadinho de sua ironia, “os dedos
rôseos da Aurora”, e outras tantas imagens gastos, tôdas elas
“contemporâneas dos narizes”...

Capítulo dos narizes

E por falar em narizes...

Uma das insistências ou repetições de Machado de Assis —
espécie de obsessão — é a que se prende precisamente ao nariz.
Há narizes demais na obra machadiana, capazes de comprar, se
se quisesse, um especial Capítulo dos narizes, à feição do “Capítu-
to dos Chapéus”, a que êle frequentemente se referia.

Confrontemos aqui, com dois ou três exemplos apenas, a
identidade de interpretação do apêndice nasal, quer em Machado
quer em Camilo.

“O nariz é a feição mais característica dêste homem” — diz
êste em “O que fazem mulheres” (Lisboa, 1946, p. 152). E
prosegue: “Na base tem um promontório, no centro uma protuber-
ância, na ponta uma recrava como o bico de um pássaro.
Chamam-se êstes narizes Bourbons! Agora conheceram-no tôdas.
ligase de passagem: Em “Coração, cabeça e estômago” (Lisboa, 1907, p. 100): “Os auditores do infausto moço levavam-no depois à cama, onde ele digeria o seu vinho — e a sua angústia suprema”. Também em “A mulher fatal” (Lisboa, 1923, p. 57): “...Carlos descobriu-se, deu alguns passos, e balbuciou, gago de amor — e de susto...” E adiante (p. 147): “Mas o negociante, carregado de anos — e de contas de modistas...”. Também em “Duas horas de leitura” (Lisboa, 1903, 120): “Andou perto — respondeu ele, encheu as bochechas de o拊ulo — e de lâmbre...”

No seguinte exemplo, Camilo enfeixa duas formas adjetivas, integrando-as pelo mesmo processo: “Os filhos destes anciãos, que há vinte anos eram rapazes alegres, estouvados, temíveis, devorantes destras — e mulheres, devorados de absinto — e de credores...” (“Quatro horas inocentes”, Lisboa, 1904, p. 174).

Esse mesmo interessante jogo do verbo (ou formas transitivas equivalentes), tão comum em Camilo, também podemos encontrar em Mestre Machado de Assis.

Tomemos quatro exemplos apenas: Nos “Contos sem data” (Rio, 1956, p. 120) pode-se ler este tópico: “...tomado o café, pediu ao major uns cinco minutos de atenção. Caldas um pouco vermelho de comodão — e de champanhe, declarou-lhe que até lhe daria cinco mil minutos, se tantos fossem precisos”. Pouco antes, no conto “Sales”, do mesmo livro (p. 104), frase do mesmo tipo: “Assim correram os primeiros seis anos de casamento. Começando o sétimo, foi o nosso amigo acometido de uma lesão cardíaca — e de uma ideia”...

Mais outro exemplo: “Tu, minha Eugênia (a moça cóxa de “Memórias póstumas de Braç Cubas”, capítulo XXXV), tu é que não as descalçaste nunca: fôste aí pela estrada da vida, manqueando da perna — e do amor...”

Um último exemplo — aliás o mais conhecido talvez das mesmas “Memórias póstumas” (capítulo XVII): “Marcela amou-me durante quinze meses — e onze contos de réis...”

Conforme acentuamos, esse curioso processo de desdobramento complementar, não o criou Camilo. E’ recurso velho e revolto, podendo-se localizar entre os clássicos latinos, segundo nos adverte Ernesto Guerra da Cal, que, em seu excelente livro “Lêngua e estilo de Eça de Queiroz” (Actas Universitatis Comenien- sis”, Coimbra, 1954), a ele dedica interessantes e informativas páginas (204 a 208).

Carreio para aqui — a fim de ilustrar apenas — os seguintes tópicos e exemplos, que nos dá o citado autor: “Con verbos de significado mais activo, de movimento físico, a concordância real de estes é solamente com o complemento de carácter concreto. Pero a presença do objeto de índole moral obriga ao verbo a desdobrar-se em um sentido figurado para poder ligarse significantivamente com él. Este desdobramento semântico é frequentemente de uma gran audacia e no seria aceitável sem a presença do elemento material que facilita e sanciona logicamente essa súbita metaforização do sentido do verbo”. Seguem-se exemplos tirados à prosa de Eça de Queiroz: “...e não mais as verei, certas mangas de sêda preta agitarem-se com um “frou-frou” lascivo, a passar-me a mostarda e a paixaão...” (Cor. 30). “Eu eu, sorrendo enrolando o cigarro, pensava nesse outro embriolho de rendas e laços cheirando a violeta e a amor...” (Rel., 140). “...uma madrugada éles se sentem esfalfados de tanto berro e tanto encontro, e recolhem a casa para mudar de roupa e de entusiasmo” (CFB, 214).

Mais adiante (p. 206), outro exemplo, tirado a “Os Maias”: “Lá ao fundo, junto aos degraus do tablado, ia um tumulto de abraços, de cumprimentos, em torno de Rufino, que reluzia todo de orgulho e suor”.

Como se vê, o processo é o mesmo de que utilizaram Camilo, Machado e Eça. E’ nó mesmo. Guerra da Cal — que cita o exemplo machadiano (“Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis”) embora alegue ser o processo de “caráter ocasional” em Machado — Guerra da Cal, em nota de rodapé à página 205, acrescenta, com relação a Eça: “En su origen quiza proceda de la influencia de los clasicos latinos (v. gr. Tácito) en los que es bastante frecuente. Sin embargo, nos inclinamos a creer la influencia más fuerte le venga de su lectura, de Cervantes, con el que tiene una afinidad esencial de temperamento y de visión dual (realidad-ideal). Hatzfeld (Op. cit. págs. 53-62, ver Bibliografía apenas ao libro) ha estudiado sgazmente esta manifestación psico-estilística en el Quijote, bajo la rúbrí-
As dúvidas de Dom Casmurro

Todos conhecem “Dom Casmurro”, o “romance perfeito”, onde Machado esculpe, com o seu hábil e seguro cinzel psicológico, a figura de Capitu, a dos “olhos de ressaca”. Com perícia de mestre, o autor deixa, afinal, no leitor interessado, certa dúvida quanto à infidelidade da mulher de Bento Santiago.

Aliás, a respeito dessa infidelidade, o ensaista Eugênio Gomes, em seu livro “Machado de Assis” (Liv. São José, Rio, 1958, p. 161), conta-nos o seguinte episódio: “Em certa ocasião, o professor norte-americano William Grossman, que traduziu tão bem as “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, escreveu-me de Nova York, para dirimir curiosa dúvida, suscitada em discussão com um editor local, a propósito da infidelidade da mulher de Bentinho... (O endiabrada Capitu, que neste o que falar de ti até na mais movimentada e estonteante cidade do mundo moderno!) Respondi-lhe, sem esperança de extinguir a controvérsia uma vez por tódas, informando-o da existência de um estudo brasileiro, em que se explica cientificamente o caso, não deixando, porém, de lembrar que a dúvida em causa era o tributo inevitável que os leitores deviam pagar à arte do nosso grande escritor”. Em período anterior, à mesma página, o crítico baiano já pusera dúvida quanto à “certeza da prevaricação de Capitu”.

Mas, vamos ao romance.

A semelhança física entre o filho Ezequiel e o amigo Escobar, que morrer a afogado na praia do Flamengo, é o ponto em que co-
fontes onde se abeberou Machado; pode ser, até, mera coincidência o que de comum ou semelhante se encontra em um e outro escritor. Mas devem-se levar em linha de conta essas coincidências.

Valdemar Cavalcanti acentuou, certa vez, o perigo desses paralelos ("O Jornal", edição de 11-5-1958): "Sabe-se — dizia ele — sabe-se muito bem, afinal de contas, que as aparências iludem muito — nas letras como na vida. O que à primeira vista pode parecer decalque, imitação ou servil ressonância, em vários casos é apenas uma coincidência de maneiras de sentir ou de expressar uma coisa ou uma emoção. Muitas vezes o fenômeno decorre de uma natural confluência de ideias ou de temperamentos".

Sem dúvida nenhuma.

De qualquer maneira, porém, aí ficam, para os ouvintes interessados, algumas dessas coincidências ou afinidades, que pacientemente respiguei na obra literária desses dois admiráveis Mestres da língua e do estilo: Camilo e Machado de Assis.

Guilherme Santos Neves

(Fevereiro-março, 1960).